



Revista Venezolana de Economía Social
 Año 14, Nº 27, Enero-Junio 2014. ISSN 1317-5734. ISSN Elect. 2244-8446
 Universidad de los Andes (ULA) NURR-Trujillo. CIRIEC-Venezuela

Princípios cooperativistas e cooperativismo de crédito: Um estudo de caso em Paraíso do Tocantins, Brasil.

Principios cooperativistas y cooperativismo de crédito: Un estudio de caso en Paraíso, Tocantins, Brasil.

COOPERATIVE PRINCIPLES AND CREDIT COOPERATIVISM: A CASE STUDY IN PARAISO, TOCANTINS, BRASIL.

Felipe RIBEIRO SILVA(*); **Airton CARDOSO CANÇADO(**)**;
Diego NEVES DE SOUSA (*)**

RESUMO

RESUMEN

ABSTRACT

O objetivo foi identificar a prática dos princípios cooperativas em uma cooperativa de crédito na percepção dos dirigentes, além de observar se as metas traçadas pelos dirigentes seguem a linha dos princípios cooperativistas. A pesquisa é exploratória de caráter qualitativo e tendo como metodologia o estudo de caso, com o apoio da técnica entrevista semi-estruturada. Entre os resultados, notouse que a cooperativa segue parcialmente os princípios do cooperativismo, identificouse que a comunicação está deficiente e é um ponto que deve ser fortalecido, o que facilitaria o desenvolvimento da cooperativa.

Palavras-chave: Cooperativismo; Princípios cooperativistas; Cooperativas de crédito rural.

El objetivo fue identificar la práctica de los principios cooperativos en una cooperativa de crédito en la percepción de los líderes, y para observar si los objetivos fijados por los líderes siguen la línea de los principios cooperativos. La investigación es exploratoria con carácter cualitativa y la metodología utilizada fue el estudio de caso, con el apoyo de la técnica de entrevista semi-estructurada. Entre los resultados, se observó que la cooperativa se ajusta parcialmente a los principios de las cooperativas, se identificó que la comunicación es pobre y es un punto que debe fortalecerse, lo que facilitaría el desarrollo de la cooperativa.

Palabras clave: Cooperativismo; principios cooperativos, cooperativas de crédito rural

The aim was to identify the practice of cooperative principles in a credit cooperative in the perception of leaders, and to observe whether the goals set by the leaders follow the line of the cooperative principles. The research is exploratory of the qualitative methodology and taking as a case study, with the support of semi-structured interview technique. Among the results, it was noted that the cooperative partially follows the principles of cooperatives, it was identified that communication is poor and is a point that should be strengthened, which would facilitate the development of the cooperative.

Keywords: Cooperative; cooperative principles; rural credit cooperatives.

RECIBIDO: 16/06/2013 / ACEPTADO: 16/07/2014

* Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Tocantins.

** Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras, Professor da Universidade Federal do Tocantins, airtoncardoso@yahoo.com.br

** Gestor de cooperativas, Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa, Analista da Embrapa Pesca e Aquicultura, diegocoop@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Cooperativismo é a união de pessoas em busca de objetivos que venham a melhorar a vida tanto dos cooperados, quanto da comunidade onde residem. Esta união prima pela educação, cooperação, solidariedade e também por resultados econômicos para o desenvolvimento da região.

O surgimento do cooperativismo ocorreu por volta do século XIX, época da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, por meio da união de operários que injustiçados trabalhavam em condições precárias. Sendo assim, eles resolveram unir forças em prol de um mesmo objetivo, que seria criar uma organização cooperativa, para adquirir produtos sem atravessadores.

Essa também foi uma das maneiras que esses trabalhadores encontraram para fugir dos abusos cometidos por parte dos comerciantes da região, que cobravam altos valores junto à população por seus produtos, já que existia um monopólio comandado por alguns donos de comércio na região. Com a criação da cooperativa eles poderiam reduzir tais prejuízos, pois poderiam comprar produtos que não tinham como ser produzidos dentro da cooperativa em grandes quantidades, com valores bem menores em relação à compra de produtos em pequenas quantidades.

Com o surgimento do cooperativismo, foi encontrada uma nova forma de lutar por melhores condições de vida frente a um sistema que cria dificuldades para pessoas que não tem uma situação financeira favorável. Muitos empresários se aproveitam dessa situação buscando nos desempregados mão-de-obra barata, já que eles são obrigados a aceitar a baixa remuneração devido à falta de oportunidade de melhores empregos.

De acordo com Silva Filho (2001), para que se pudesse ter um melhor direcionamento sobre o movimento cooperativista foram criados alguns princípios a serem seguidos dentro das cooperativas, com o objetivo de que os cooperados viessem a compreender melhor a realidade de uma cooperativa com o intuito de melhor desenvolvê-la. Com a implantação desses princípios os cooperados poderiam ter um maior controle sobre o que acontecia dentro da cooperativa.

Segundo Crúzio (2005), os princípios cooperativistas surgiram juntamente com a primeira cooperativa, na cidade de Rochdale-Inglaterra, isso tudo ajudaria no desenvolvimento da cooperativa e também da região onde se localizava, os cooperados podiam produzir mais com menos custos e teriam maior facilidade de venda dos produtos, aumentaria também o poder econômico dos cooperados.

Foi criado em 1895 um órgão para que pudessem organizar o movimento cooperativista a nível mundial, assim como seus princípios, a esse

órgão se deu o nome de Aliança Cooperativa Internacional (ACI). Ao longo dos anos, os princípios cooperativistas foram sofrendo modificações para que fossem se aperfeiçoando e adaptando-se aos dias atuais. No ano de 1995, na cidade de Manchester, na Inglaterra, em congresso realizado pela ACI, foi realizada a última alteração nos princípios. Essa grande mudança ocorreu devido à inclusão do atual sétimo princípio do cooperativismo, Interesse pela Comunidade.

Em meio às tantas tipologias de cooperativas existentes, há as cooperativas do ramo de crédito que se baseiam em objetivos que visam o bom desenvolvimento de uma região através de empréstimos e financiamentos de crédito para os cooperados, para que assim eles possam investir em sua produção e melhorar suas condições de vida.

Desta forma, o objetivo deste estudo foi identificar a prática dos princípios cooperativas na Cooperativa de Crédito Rural de Paraíso do Tocantins/TO na percepção dos dirigentes, além de observar se as metas traçadas pelos dirigentes seguem a linha dos princípios cooperativistas, observando também o apoio dado pela cooperativa junto à comunidade.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi exploratória de caráter qualitativo, usando como metodologia o estudo de caso e utilizando alguns instrumentos primários e secundários que auxiliaram na análise do estudo com o apoio da entrevista semi-estruturada.

A população estudada foi formada pelos dirigentes da SICOOB CREDIPAR. A amostra foi realizada com o presidente da cooperativa pelo critério de julgamento.

A entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente os pesquisadores em ciências sociais e psicológicas. Recorrem esses à entrevista sempre que tem necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais e que podem ser fornecidos por certas pessoas. Esses estudos serão utilizados tanto para o estudo de *atos* como de casos ou de opiniões (CERVO; BERVIAN, 2002:46).

As fontes secundárias utilizadas como coleta de dados, foram através de levantamento bibliográfico em livros, artigos científicos e internet, além da análise do Estatuto Social da Cooperativa.

Os procedimentos utilizados para analisar os dados da pesquisa foram através da comparação das respostas da entrevista e do Estatuto com os conceitos dos princípios cooperativistas.

Objeto de estudo: SICOOB CREDIPAR

A SICOOB CREDIPAR tem sua origem no ano de 1991, quando alguns produtores rurais da região de Paraíso resolveram criar uma cooperativa para que eles pudessem movimentar seu capital e assim desenvolver sua produção. Iniciada com cerca de 25 associados e 3 funcionários, hoje a CREDIPAR conta com 1281 cooperados e 32 colaboradores. Em novembro de 1999 a CREDIPAR filiou-se à central de Goiás e a partir daí, o leque de produtos e serviços foi, significativamente, ampliado. Em fevereiro de 2006, todas as cooperativas de crédito rural do Brasil, ligadas ao BANCOOB, acrescentaram em suas nomeações a marca SICOOB. Com isso, a CREDIPAR passou a ser chamada de SICOOB CREDIPAR (SICOOB CREDIPAR, 2010).

Segundo informações do atual presidente da cooperativa, para dar início à cooperativa foi necessário um acordo com o Banco do Brasil. Com isso, as movimentações financeiras eram realizadas como em um banco comum, havendo também escassez de crédito e suas taxas de juros eram as mesmas cobradas pelo Banco do Brasil, mas como os cooperados tinham o desejo de continuar com a cooperativa, seguiram em frente e continuaram fazendo seus depósitos em conta criada na agência.

Pode-se notar que a partir da constituição da cooperativa surgiram alguns benefícios para os cooperados que antes não tinham, como por exemplo, isenção de taxa de manutenção de conta corrente, agilidade na concessão de crédito, baixas taxas de juros, gestão própria através da participação nas assembleias, atendimento personalizado e presencial, participação nas sobras (lucro), depósitos garantidos pelo fundo garantidor, aplicações com as melhores taxas do mercado e benefícios sociais (SICOOB CREDIPAR 2010b:43).

Com a chegada da SICOOB CREDIPAR em Paraíso do Tocantins-TO muitos produtores puderam investir mais em suas produções, gerando assim, mais renda para a família e, conseqüentemente, mais empregos para as pessoas da comunidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Cooperativismo – Aprofundando o Conceito

Na época da Revolução Industrial, as pessoas sofriam com os altos preços de produtos essenciais para sua sobrevivência e, com isso, tinham que encontrar maneiras de superar esses percalços que dificultavam na obtenção desses produtos. Uma forma encontrada para solucionar tais problemas, foi a criação de cooperativas, onde os membros da população local se uniam com o intuito de angariar recursos e, conseqüentemente, baratear os preços dos produtos oferecidos. De acordo com Veiga e Fonseca (2001)

A mais antiga cooperativa, com existência documentada, parece ter sido iniciada em 1760 por trabalhadores empregados nos estaleiros de Woolwich e Chatham, na Inglaterra. Eles fundaram moinhos de cereais em base cooperativa para não terem de pagar os altos preços cobrados pelos moleiros que dispunham de um monopólio local. No mesmo ano, o moinho de Woolwich foi incendiado e os padeiros foram acusados do sinistro. Essa cooperativa só foi registrada para a história por causa deste incidente (VEIGA E FONSECA, 2001:19).

Existem indícios de formas de cooperativismo moderno há quase dois séculos. A ideia vigente no cooperativismo moderno é a de organizar grupos de pessoas com o objetivo de difundir ideais no intuito de atingir o pleno desenvolvimento econômico e social. Para Veiga e Fonseca (2001)

A primeira cooperativa moderna foi de consumo, montada por 27 trabalhadores e uma trabalhadora de nome Anee Tweedale, todos de ofícios modestos, a grande maioria de tecelões, no Beco do Sapo (*Toad Lane*) em Rochdale, Manchester (um importante centro têxtil), na Inglaterra, em 1844, em um contexto de estratégia de sobrevivência após uma greve prolongada (VEIGA E FONSECA, 2001:19).

A criação de cooperativas serviu para unir as pessoas e mostrar uma visão de cooperação mútua e de coletividade, fundindo-se a interesses comerciais ou de prestação de serviços, econômicos, de trabalhos e sociais.

O cooperativismo é um sistema econômico que visa à união entre as pessoas em prol de uma melhor organização de atividades de produção que venham a obter uma distribuição de riquezas condizentes às situações de seus cooperados em virtude de melhor desenvolvimento da região onde atua. No entanto, o sistema cooperativista sofreu dificuldades econômicas, por conta de intervenções de cunho político com intuito de impor uma forma de organização socialista em meio às cooperativas. Segundo Silva Filho (2001) tendem as cooperativa

a um paulatino fracasso econômico, o que se registra nas instituições, em face da interveniência dos socialistas utópicos que deram conteúdo político a essas formas associativas mediante a introdução de elementos que pugnavam por sua eficácia econômica, apresentando o movimento cooperativista como alternativa de organização econômica ao sistema liberal-capitalista, o que produziu uma vinculação, antes não existente, entre o movimento cooperativo e o movimento obreiro (SILVA FILHO, 2001:46).

Mas com o passar do tempo, o cooperativismo foi ganhando conotações diferentes e os cooperados aos poucos foram colocando seus projetos em prática, deixando de lado a influência que os políticos tentavam exercer, fazendo com que novamente o movimento cooperativista ganhasse força e as pessoas pudessem lutar por melhores oportunidades e uma sociedade mais organizada e justa.

De acordo com Veiga e Fonseca (2001), o ideal cooperativista atua em todos os setores da economia, atendendo às necessidades e interesses dos trabalhadores de forma adequada, participativa, justa e democrática, pois “é o sistema que propicia o desenvolvimento integral do indivíduo por meio do coletivo” (VEIGA; FONSECA, 2001:17). Assim sendo, as localidades onde as pessoas atuam em coletividade tendem a um maior desenvolvimento, não apenas dos meios de produção, mas também da integração social entre a população.

Um das principais vantagens de viver em uma sociedade cooperativista é a existência da ajuda mútua entre as pessoas. Tal tendência nos leva a crer que pode haver harmonia e cooperação quando se trata de atingir objetivos que podem ser benéficos a indivíduos de uma sociedade que sofre com falta de oportunidades e abusos de autoridades.

Quando se trata de cooperativismo, observa-se que sempre procura proteger os trabalhadores em situações econômicas desfavoráveis, objetivando ampliar a participação da população frente à atividade econômica. Partindo do pressuposto de que quando pensamos em cooperativismo, olhamos sempre para o local, por acharmos que ali é o início de tudo, no entanto “o cooperativismo como sistema e as cooperativas como a unidade econômica e espaço de convívio e transformação dos seus integrantes devem sempre estar articulados com as questões globais, nacionais e locais” (VEIGA; FONSECA, 2001:18).

Na busca por um objetivo comum, as pessoas se unem na tentativa de obter um maior desenvolvimento da região, gerando assim, alternativas de emprego e melhorias de renda para a comunidade em que está inserida a cooperativa. Analisado por um lado mais social, nota-se que o cooperativismo tende a assumir a forma de associações, que para Silva Filho (2001)

O cooperativismo, como forma típica de associação, é um fenômeno relativamente moderno, haja vista seu surgimento datar do século XIX, não obstante se encontrem antecedentes mais remotos decorrentes do sentido de solidariedade que sempre se fez presente entre os homens, conquanto tais comportamentos, que, em essência, exteriorizando, concretamente, manifestações próprias e inerentes aos princípios do cooperativismo, não se apresentavam como concebidos no conceito, hoje institucionalizado (SILVA FILHO, 2001:45).

Dessa maneira fica mais explícita a sensação de solidariedade existente em meio ao cooperativismo, observando-se que as pessoas ajudam umas às outras não visando apenas recompensas materiais e econômicas, mas também o lado social, dando ênfase à fraternidade existente no ser humano.

PRINCÍPIOS COOPERATIVISTAS

È sabido que o cooperativismo surgiu na Inglaterra, por conta de trabalhadores que se viam com necessidades que não eram supridas por falta de oportunidades de emprego e altos preços dos produtos oferecidos. Então, eles se viram obrigados a juntarem-se em grupos e formarem cooperativas em que poderiam comprar alimentos em grandes quantidades e com menores custos. Além disso, havia a possibilidade de ajudar na educação das crianças da comunidade e também dos adultos para que esses pudessem ter noções de como gerir uma cooperativa.

Um ponto importante é que os participantes de uma cooperativa têm direitos iguais e são igualmente responsáveis por sua direção, sendo que desde o início essas cooperativas eram guiadas por princípios com o intuito de manter a ordem e não haver problema em sua direção. De acordo com Crúzio (2005)

a primeira cooperativa a empregar os princípios básicos do cooperativismo foi uma cooperativa de consumo oficialmente registrada como Friendly Society. Em 1844, no beco do sapo, na cidade de Rochdale, Inglaterra, cerca de 32 operários, alfaiates, carpinteiros, trabalhadores braçais etc., demitidos de seus empregos após uma greve fracassada, criaram um armazém para consumo próprio de farinha, azeite, açúcar etc., a fim de garantir a sobrevivência do grupo. Ficaram conhecidos como os pioneiros de Rochdale (CRÚZIO, 2005:25).

Todo o funcionamento era orientado por princípios, que eram assumidos e respeitados pelos associados, contribuindo para a convivência na cooperativa e na comunidade, onde se sentia os efeitos positivos que esses princípios causavam. Na época da criação dos princípios do cooperativismo, por volta do ano 1844, eles eram os seguintes:

- Livre adesão e livre saída de seus associados;
- Democracia nos direitos e deveres dos associados;
- Compras e vendas à vista na cooperativa;
- Juro limitado ao capital investido;
- Retorno proporcional;
- Operação com terceiros;

- Formação intelectual dos associados;
- Devolução desinteressada dos ativos líquidos.

A implantação desses princípios era de grande importância, pois assim, os cooperados poderiam manter controle sobre a cooperativa, tanto das decisões a serem tomadas, quanto à entrada e saída de pessoas da cooperativa.

Esses princípios, nos termos como foram formulados pelos cooperativistas de Rochdale, tiveram vigência muito mais dilatada na prática cooperativa e foram assumidos pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI) em sua fundação celebrada em 1895 (SILVA FILHO, 2001:152).

Segundo Cançado e Gontijo (2004) há algumas modificações em relação aos princípios do cooperativismo, que possui seu estatuto desde o início em Rochdale. Como supracitado, com o passar dos anos esses princípios foram sendo reformulados, para melhor se adequar às rápidas mudanças ocorridas na socioeconomia mundial. Silva Filho (2001) pontua que

a primeira revisão foi realizada no Congresso de Viena em 1966. Postulou-se nova revisão no Congresso de Estocolmo em 1988, quando a Aliança Cooperativa Internacional passou a desenvolver uma revisão, em âmbito mundial, de valores e princípios sobre o objeto em que as cooperativas embasam suas atividades, para fortalecer a identidade e o papel das cooperativas na economia global. Tal posicionamento, inclusive reivindicatório de mudanças, seguiu-se com o Congresso de Tóquio em 1992, culminando com a revisão efetuada no Congresso de Manchester em 1995, que está embasada na formulação dos sete princípios cooperativos vigentes na atualidade e que tiveram como inspiração a visão futura do movimento cooperativo (SILVA FILHO, 2001:152).

Assim, as cooperativas continuam com suas características de valores e princípios diferenciando-as de organizações mercantis. Com as alterações realizadas sobre os princípios cooperativistas, chegou-se a cogitar que os mesmos perderiam o foco da ideologia em que se estruturavam.

Pode-se questionar que a alteração dos princípios colocaria em risco a ideologia do próprio movimento cooperativista, pois eles seriam a base sobre o qual o movimento se estrutura. [...] os princípios básicos expostos no estatuto de Rochdale, que fazem com que a organização cooperativa seja diferente das sociedades empresariais, não sofreram alterações no sentido

de aproximar as cooperativas das sociedades mercantis, vieram sim, reforçar essa diferença (CANÇADO e GONTIJO, 2004:4).

Tais princípios cooperativistas divergem dos utilizados em organizações capitalistas por darem ênfase às pessoas ao invés do lucro. Para Veiga e Fonseca (2001).

Os princípios do cooperativismo são as linhas orientadoras pelas quais as cooperativas levam à prática os seus valores. E são opostos aos do capitalismo porque invertem as relações entre a empresa e seus clientes. Um bom exemplo pode ser dado através da cooperativa de crédito (VEIGA e FONSECA, 2001:43).

Na visão de Cetto e Braga (2002), os objetivos dessas sociedades cooperativas são seus pontos positivos, pois nas cooperativas os objetivos se resumem a viabilizar e desenvolver a produção, atividades de consumo, crédito e prestação de serviços para terceiros, atuando também no mercado com assistência técnica, educacional e social.

As principais mudanças nos princípios cooperativistas ocorreram no Congresso da ACI de 1995, em Manchester. Onde foram reduzidos a sete princípios, que são eles:

- Adesão voluntária e aberta;
- Gestão democrática por parte dos sócios;
- Participação econômica dos sócios;
- Autonomia e independência;
- Educação, formação e informação;
- Cooperação entre as cooperativas; e
- Interesse pela comunidade.

Cooperativas de Crédito

O cooperativismo de crédito é um sistema que foi criado com a intenção de gerar empréstimos e financiamentos para produtores rurais e comerciantes, para que pudessem melhor desenvolver sua atividade. Para Pinheiro (2005)

Em 1847, Friedrich Wilhelm Raiffeisen criou no povoado de Weyerbusch/westerwald a primeira associação de apoio para a população rural que, embora não fosse ainda uma cooperativa,

serviria de modelo para a futura atividade cooperativista de raiffeisen. A primeira cooperativa, fundada por ele no ano de 1864, chamava-se Heddesdorfer Darlehnskassenverein (Associação de Caixas de Empréstimos de heddesdorf) (PINHEIRO, 2005:23).

Já segundo Port (2010), as cooperativas de crédito tiveram seu início alguns anos mais tarde na Alemanha.

Modernos sindicatos de crédito datam de 1852, quando Franz-Hermann Schulze Delitzsch consolidou a aprendizagem a partir de dois projetos-piloto, um em Eilenburg e outro em Delitzsch na Alemanha que são geralmente reconhecidos como os primeiros sindicatos de crédito no mundo. Ele passou a desenvolver um grande sucesso urbano servindo a comerciantes, artesãos e proprietários de lojas (PORT, 2010:7).

A história do cooperativismo de crédito no Brasil é um pouco mais recente. Segundo informações de Pinheiro (2005)

A primeira sociedade brasileira a ter em sua denominação a expressão “cooperativa” foi, provavelmente, a Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, fundada em 27 de outubro de 1889, na então capital da província de Minas, Ouro Preto. [...] muito embora o estatuto dessa sociedade não previsse a captação de depósitos junto aos associados, essa “caixa de auxílios e socorros” guarda alguma semelhança com as seções de créditos das cooperativas mistas constituídas no século seguinte, mas com finalidade primordialmente assistencial (PINHEIRO, 2005:68).

Por outro lado, de acordo com os conhecimentos de Port (2010),

No Brasil o cooperativismo de crédito iniciou em Nova Petrópolis/RS, no ano de 1902, por iniciativa do padre suíço Theodor Amstad. A rede de atendimento das cooperativas representa atualmente 16% das agências bancárias do país, enquanto que os ativos totais administrados representam menos de 2% do total. Tais números demonstram o grande desafio a ser superado pelas cooperativas brasileiras que, apesar de darem ao Brasil o 19º maior volume de ativos de instituições financeiras cooperativas no mundo, ainda possuem um mercado potencial muito grande para crescimento (PORT, 2010:18).

Podemos notar também que existem algumas diferenças entre cooperativas de crédito e bancos. Analisando o site da SICOOB CREDIPAR (2010b), pode perceber que essas diferenças são:

COOPERATIVAS	BANCOS
É uma sociedade de pessoas	É uma sociedade de capital
Objetivo: prestar serviços aos associados	Objetivo: lucro
Controle democrático (uma pessoa = um voto)	Cada ação = um voto
Na assembleia os cooperados participam das decisões	O quorum é baseado no capital
Retorno financeiro (sobras) proporcional ao valor das movimentações	Dividendo proporcional ao valor das ações

Quadro 1 – Diferenças entre Cooperativas e Bancos

Fonte: (SICOOB CREDIPAR, 2010b).

As cooperativas de crédito ajudaram muitas regiões a se desenvolverem e, conseqüentemente, os produtores que nela residem.

RESULTADOS

Participação em Assembleias

O que se pode perceber é que quase não há participação dos cooperados nas assembléias seja ordinária ou extraordinária. De acordo com o presidente isso é um problema sério no Brasil, a média de participação em assembleias é de 10% a 15%. Segundo ele, como a Cooperativa possui vários Postos de Atendimento Cooperativo (PACs) no estado, estão realizando pré-assembleias em cada Posto de Atendimento o que facilita o acesso dos cooperados, assim aumenta um pouco a participação, mas ainda continua muito baixa, em torno de 20%. Os cooperados são avisados através de edital, de rádio, de jornal, e outros meios de comunicação, além de material fixado em locais visíveis a todos os cooperados e também é enviado o edital para cada cooperado. No dia da assembleia faz-se um pequeno evento de confraternização, um almoço por exemplo.

Sobras e Perdas

Quanto às sobras e perdas, analisando o Estatuto e a entrevista, percebemos que o balanço e os demonstrativos são realizados semestralmente nos períodos de 30 de Junho e 31 de Dezembro, podendo ser elaborados também balancetes de verificação mensais.

De acordo com o Estatuto da SICOOB CREDIPAR tem-se:

Art 26. Das sobras apuradas no exercício serão deduzidos os seguintes percentuais para os seguintes fundos:

- I. 20% (vinte por cento) para o Fundo de Reserva;
- II. 5% (cinco por cento) para o Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (Fates);
- III. 30% (trinta por cento) para aumento de Capital, rateados na forma do artigo 27, inciso I, e incorporados às respectivas contas, sendo as frações de quotas partes imediatamente transferidas ao Fundo de Reserva (SICOOB CREDIPAR, 2011:13)

São formas que a Cooperativa utiliza para manter todos seus compromissos com os cooperados. Segundo o presidente, a cooperativa teve um período onde quase quebrou, que foi no ano de 96/97 em outra administração e ela teve um prejuízo que foi rateado estatutariamente de acordo com o capital, se existe um capital de 100 reais o prejuízo é proporcionalmente. Existe na Cooperativa um Fundo de Reserva para cobrir eventuais perdas, ou seja, 20% das sobras vão para este Fundo de Reserva. Então, nessa época, o Fundo de Reserva cobriu praticamente tudo, inclusive parte do prejuízo dos cooperados, mas houve um prejuízo maior da imagem.

Quanto ao modelo de rateio junto aos cooperados existem algumas formas de se serem realizadas. Para o presidente

Você tem duas formas de acordo com o Estatuto, você tem pagamento de juro ao capital e o pagamento de movimentação financeira, com o pagamento de juro ao capital contemplo todos os cooperados e com o pagamento de movimentação financeira contemplo quem trabalhou durante todo o ano, quem teve empréstimo e pagou juros por empréstimo e quem teve depósito a prazo e depósito à vista (Relato do presidente da cooperativa, 2011).

Então, seguindo esse raciocínio o que podemos perceber é que existe um sentimento de tranquilidade por parte dos cooperados, sendo que existe uma transparência em que todos se sentem seguros.

Ligação a uma Central

Foi possível perceber que existe uma ligação forte da SICOOB CREDIPAR a uma Central na qual se responsabiliza pela maioria dos serviços prestados pela filial. A Central está localizada no Estado do Goiás, cujo nome chama-se SICOOB Goiás. Essa Central é responsável pela centralização financeira, faz auditoria interna e monitoramento, faz assessoria de comunicação, assessoria jurídica e também se responsabiliza pelo trabalho de monitoramento das cooperativas singulares, sendo ela uma ponte entre a

cooperativa singular e o Banco SICOOB. Na percepção do presidente

A migração para a Central teve que adequar-se ao Estatuto Social, porque as cooperativas segmentadas devem estar filiadas a uma Central e existe um custo, hoje o custo rateio seria em torno de 15 mil reais que nós pagamos para a Central para termos todos esses serviços, a compra é compartilhada, a questão da imagem é tudo via Central, então nós tivemos que adequar o Estatuto Social para que pudéssemos adentrar à Central (Relato do presidente da cooperativa, 2011).

Existe uma influência considerável da Central nas decisões da SICOOB CREDIPAR. Hoje, ela atua como saneadora das contas da filial, tem o papel de socorrer as cooperativas singulares, caso esta necessite solicita um empréstimo a juros menores para a Central e em seguida empresta aos cooperados. Dessa forma, a Cooperativa ganha em segurança e assim tem condições de realizar seus serviços com uma melhor qualidade, isso leva a reduzir um pouco sua independência, pois estará submetida às normas da Central à qual está vinculada.

Mesmo com essa ligação junto a Central, o presidente explana que é possível a Cooperativa singular continuar com sua autonomia, pois ainda lhe resta o poder de tomar algumas decisões que sejam benéficas à própria Cooperativa e aos seus cooperados.

Um outro ponto importante que foi analisado diante da SICOOB CREDIPAR foi saber até que ponto as regras do Banco Central limitam as ações da Cooperativa, já que por ser uma entidade financeira, logo deve estar ligada ao Banco Central. Na entrevista com o presidente, ele pôde esclarecer alguns pontos, como por exemplo, o arrocho que o Banco Central faz sobre as cooperativas devido a normativas que já existiam há cerca de 40 anos, mas que somente agora com o crescimento do cooperativismo o Banco Central está pressionando para que essas cooperativas se adéquem às normas já utilizadas pelos bancos, com isso o que vai haver dentro de pouco tempo é uma incorporação dessas cooperativas menores às centrais, já que estas por usufruírem de uma estrutura e uma rede de comunicação maior, tendem a possuir mais força para atuar junto ao Banco Central e ao próprio mercado.

FATES

Um dos principais pontos de uma cooperativa é o FATES, pois é o recurso responsável por subsidiar os cooperados e seus familiares através de assistência social, técnica e educacional. De acordo com o Estatuto Social da SICOOB CREDIPAR:

Art. 30. O Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (Fates) destina-se à prestação de assistência aos associados e a seus familiares, e aos empregados da *Cooperativa*, de acordo com normativo próprio, aprovado pela Assembleia Geral.

Parágrafo único. Os serviços a serem atendidos pelo Fates poderão ser executados mediante convênio com entidades públicas ou privadas (SICOOB CREDIPAR, 2011:19).

Com o FATES, os cooperados podem conseguir uma melhor educação através de sua utilização, podendo fazer cursos para estarem melhores qualificados e assim melhor desenvolver a produção e a sua gestão. Segundo o presidente, através do FATES foi criada a Bolsa Universitária, a cada 6 meses sorteiam 20 bolsas universitárias para o cooperado, filho ou esposa para fazer faculdade, disponibilizam cursos ligados ao cooperativismo, curso do SEBRAE, para os associados, as diretorias, os conselhos e para os funcionários. “O FATES é o grande apoio/diferencial que as cooperativas possuem e o Banco Central também fiscaliza as ações do FATES”, diz o presidente da cooperativa.

Ainda segundo o presidente, o FATES da SICOOB CREDIPAR é de 5% e vem acumulando devido ter passado uma temporada sem ser muito utilizado, então estará na pauta da assembleia desse ano para haver uma solução para este imprevisto. Ele falou também que foram criados alguns outros benefícios para os cooperados.

Hoje nós temos auxílio natalidade, nasceu o filho do cooperado ele vem na cooperativa e apresenta certidão de nascimento e é creditado na conta dele 500 reais, nós temos auxílio funeral que ninguém quer, mas já atendeu muitas famílias, faleceu um cooperado ou a esposa dele é apresentado a certidão de óbito e é depositado na conta dele 1000 reais (SICOOB CREDIPAR, 2011:10).

Formação e Informação aos Cooperados

Ao que se refere à formação dos cooperados a Cooperativa garante dar total subsídio, através de incentivos não só financeiros, mas profissionais também, já que havendo uma melhor formação desses cooperados futuramente eles poderão estar fazendo parte do quadro de funcionários da Cooperativa. Segundo o presidente, existem alguns cursos na Cooperativa que são ministrados via OCB – Organização das Cooperativas do Brasil e via Central. Na Central existe um núcleo de educação que auxilia na formação dos cooperados, na Cooperativa possui funcionários com a certificação profissional da AMBID (Associação Nacional dos Bancos de Investimento) que é a CPA-10 (Certificação Profissional Anbima), há também a CPA-20 e todos esses cursos são via OCB, SEBRAE ou Central. Ainda de acordo

com o presidente, há um núcleo feminino dentro da SICOB CREDIPAR que é responsável por organizar eventos sociais internamente com o intuito de desenvolver uma interação entre todos os cooperados e esse núcleo está vinculado à Cooperativa Agropecuária que é a COOPERNORTE.

Diante do quadro de informações para com os cooperados, existe uma boa divulgação sobre o que acontece na Cooperativa, mas para o presidente o cooperado na realidade quer o benefício direto, a parte política pouco interessa. O que realmente interessa é o motivo pelo qual foi criada a Cooperativa que é beneficiar o cooperado, se a Cooperativa está cumprido com o objetivo dela o cooperado pouco questiona, oposição existe em todo lugar, porque aí tem o interesse político, próprio e o coletivo, enfim, “essa oposição é boa porque faz a gente não ficar na zona de conforto”.

As notícias são transmitidas através de jornais impressos da Cooperativa e também por meio dos jornais locais de Paraíso do Tocantins, às vezes também há pronunciamentos em rádios locais e até mesmo de maneira informal pelos funcionários, mencionou o presidente.

Intercooperação com outras Cooperativas

Visando um melhor desenvolvimento da própria comunidade, a SICOOB CREDIPAR busca firmar parcerias com outras cooperativas objetivando criar vínculos e assim estar mais bem preparada para atender seus cooperados de forma eficiente. Segundo o presidente, a Cooperativa tem parceria junto a outras cooperativas e existe uma intercooperação com a COOPERNORTE, no qual “existe um núcleo onde firmamos essas parcerias junto a outras cooperativas de crédito, porque se tem um cliente meu que vai para Goiânia, eles cobram as despesas caso a gente faça uma solicitação”.

Estas parcerias acontecem de forma simples fazendo com que haja uma cumplicidade entre as cooperativas com o intuito de alcançar seus objetivos através dessa intercooperação, através disso a cooperativa maior interessada vai atrás de programas que estão sendo realizados com sucesso em outras cooperativas. Por exemplo, trouxeram para a SICOOB CREDIPAR o programa de capitalização encaminhada que funcionava na cooperativa de crédito de Quirinópolis, a AGRORURAL. Há também a participação em eventos de outras cooperativas não só de crédito, mas de outros ramos também, sempre com o objetivo de beneficiar ao máximo seus cooperados, segundo afirma o presidente.

Apoio à Comunidade

Como não poderia ser diferente a SICOOB CREDIPAR realiza ações de apoio junto à comunidade onde os cooperados residem, pois é uma forma

de manter não só os familiares dos cooperados com uma vida social mais ativa, mas também as pessoas da região, impulsionando assim a comunidade a elevar a qualidade de vida de todos os seus integrantes. De acordo com o presidente, estas ações são realizadas com a ajuda do FATES,

Aqui nós ajudamos a liga feminina de combate ao câncer com uma ajuda mensal, nós pagamos combustível para elas andarem e dar assistências as pessoas que sofrem de câncer, nós temos também a parceria com a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) onde que ajudamos com material odontológico no centro odontológico deles, já há bastante tempo, existe também o programa mãe de leite em Paraíso e nós ajudamos todos os meses, então há essa ajuda nesses três institutos (Relato do presidente da cooperativa, 2011).

Outra maneira utilizada pela Cooperativa para ajudar a comunidade é através de arrecadação de materiais para as pessoas da periferia de Paraíso do Tocantins. São realizadas ações no Natal para arrecadar roupas, brinquedos, alimentos, etc. e em seguida são doados a essas comunidades carentes em eventos realizados nos colégios da própria periferia.

Participação dos Cooperados

Pelo estudo realizado foi possível notar que não há uma parcial participação por parte dos cooperados sobre as decisões da Cooperativa. Para eles, o que importa é saber se os resultados financeiros estão sendo alcançados e quais são os benefícios que chegarão até eles, a parte burocrática não os interessa muito. O conhecimento do Regimento Interno é pequeno, diz o presidente que

São poucos que conhecem o Regimento Interno, tem o site da Cooperativa e já colocamos em épocas passadas o Regimento Interno, quando a pessoa adentra aqui a gente fornece o Estatuto onde você tem que ler pelo menos umas 3 vezes e acredito que eles não fazem isso, a gente tem que ter um Estatuto sempre aqui na mesa, para estar olhando e sempre atualizando, o Estatuto é muito longo e aí a gente termina se perdendo, mas nós fazemos sim a entrega do Estatuto para os associados quando eles adentram na Cooperativa (Relato do presidente da cooperativa, 2011).

Ainda de acordo com o presidente há um interesse maior apenas de quem pretende fazer parte dos conselhos, mas mesmo assim, ainda é um pequeno grupo, para a maior parte interessa mesmo são os resultados, principalmente nessas cidades do interior, como Divinópolis, Marianópolis, Dois Irmãos, Barrolândia, etc., pois não há agências bancárias. Então, os

cooperados sentem-se orgulhosos por fazer parte da Cooperativa, pois ela está proporcionando essa oportunidade de levar uma instituição financeira àquela comunidade e, assim, propicia o crescimento e desenvolvimento do município.

No quadro 2, resume como os princípios são praticados na SICOOB CREDIPAR, pois mostra a relação existente entre Cooperativa e cooperado e também como é o modelo de gestão utilizado pela direção.

PRINCÍPIO COOPERATIVISTA	PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
Adesão Livre e Voluntária	Ocorre através de requisitos estatutários, existe controle interno e há entrega do Estatuto aos cooperados.	Existem pessoas com o sentimento de não cooperação, apenas interesse financeiro.
Gestão Democrática por parte dos Sócios	A gestão é democrática possibilitando a participação de todos.	Pouca iniciativa por parte dos cooperados, não se interessam pela parte política e tomada de decisões.
Participação Econômica dos Sócios	A participação econômica dos sócios é bem ativa, existe um fundo de reserva para cobrir eventuais perdas.	Houve um período em que a Cooperativa quase faliu, devido a uma gestão ruim.
Autonomia e Independência	Há autonomia nas decisões da gestão cooperativa.	Perde um pouco a independência, pois está submetida a normas de uma Central.
Educação, Formação e Informação	A Cooperativa garante uma boa formação a seus cooperados através de vários cursos e assistência.	O nível de informação deixa a desejar em alguns pontos, já que os próprios cooperados às vezes não se interessam por isso, a comunicação é mínima para com os cooperados.
Cooperação entre as Cooperativas	Procura realizar parcerias com outras cooperativas para melhor atender seus cooperados e alcançar novos objetivos, existe parceria com a COOPERNORTE.	As parcerias ainda são poucas, deveria abranger outras regiões.
Interesse pela Comunidade	Há arrecadação de brinquedos, roupas e alimentos que são doados nas comunidades carentes, ajudam a liga feminina de combate ao câncer, o programa mãe de leite e a APAE;	Falta de um curso de profissionalização para pessoas de comunidades carentes e de promover atividades de educação cooperativista.

Quadro 2 – Síntese da prática dos princípios cooperativistas na SICOOB CREDIPAR.

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

CONCLUSÕES

Obteve-se algumas informações que podem ser melhores aproveitadas pela própria cooperativa futuramente, pois como pode ser notado há alguns pontos que devem ser melhorados, como a comunicação dentro da cooperativa que é ineficaz e a participação dos cooperados junto à Cooperativa que está num nível baixo. Para esses cooperados importa apenas se a Cooperativa está alcançando os resultados econômicos desejados e saber se não está havendo prejuízos, mas quanto à parte burocrática e política não há interesse algum.

A SICOOB CREDIPAR oferece educação aos seus cooperados e seus familiares, através de cursos que visam à capacitação de todos. Também oferece informação aos cooperados, no entanto, ainda insuficiente, pois o nível de comunicação interno e externo é considerado baixo.

Existe uma intercooperação entre a SICOOB CREDIPAR e outras cooperativas com o intuito de angariar recursos para o melhor desenvolvimento da região e obter benefícios aos cooperados para ações de fortalecimento no mercado. Porém, as parcerias ainda se encontram em um estágio inicial, apenas regional, sendo necessário expandir essas parcerias.

As comunidades carentes de Paraíso do Tocantins são amparadas pela SICOOB CREDIPAR, há promoção de eventos voltados para arrecadação de produtos a serem doados para essas comunidades, além de apoio a outros projetos como a liga feminina de combate ao câncer, projeto mãe de leite e APAE, mas deveria proporcionar algo mais para as pessoas dessas comunidades, como firmar parcerias com o intuito de criar cursos profissionalizantes, e até mesmo ações que contemplasse a educação cooperativista.

Ao finalizar o estudo espera-se que possa ser útil para ajudar no bom desenvolvimento da Cooperativa e da região em que a mesma se localiza e também que haja outros estudos na área para tentar abrir novos horizontes e expandir o cooperativismo, não só o de crédito, mas de todos os ramos, pois, sabe-se que esse é um importante elemento para impulsionar o desenvolvimento de regiões com baixo Índice de Desenvolvimento Humano. E recomenda-se que haja uma maior interação entre Cooperativa e cooperados e que efetue uma política interna objetivando deixar todos os cooperados mais informados sobre o que acontece na Cooperativa e também buscar uma forma de fidelizar os cooperados a estarem participando com maior efetividade nas assembleias da Cooperativa.

Uma maneira de proporcionar essa integração seria através da Organização do Quadro Social (OQS), assim possibilitaria a criação de núcleos com o intuito de discutirem problemas, ideias e necessidades dos cooperados, além de promover eventuais soluções para esses casos. Formariam conselhos de representantes dos cooperados, através dos quais haveria participação efetiva dos cooperados de cada núcleo para discutirem decisões que pudessem ser levados às assembleias da Cooperativa. Dessa forma, possibilitaria a integração dos membros de cada conselho representante, havendo também, a viabilização das atividades da cooperativa.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

- ACI – Aliança Cooperativa Internacional (2011), **O que é uma cooperativa?** Disponível em: <http://www.ica.coop/coop/principles.html>. Acesso em 23 de junho de 2011.
- Cançado, Airton Cardoso; GONTIJO, M. C. H (2004), Princípios Cooperativistas: origens, evolução e influência na legislação brasileira. In: **Encontro de Investigadores Latino-Americano de Cooperativismo**, 3, São Leopoldo, 2004. **Anais...**, São Leopoldo: UNISINOS.
- Cervo, Amado L.; BERVIAN, Pedro A (2002), **Metodologia científica**. 5. ed., São Paulo: Prentice Hall.
- Cetto, Vania Maria; BRAGA, Marcelo José (2002). **Tirando a máscara: princípios cooperativistas e autenticidade das cooperativas**, Viçosa: UFV, (Relatório Final de Pesquisa, CNPq).
- Crúzio, Helnon de Oliveira (2005), **Como organizar e administrar uma cooperativa**. 4. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 156 p.
- OCB/TO - Sindicato e Organização das Cooperativas no Estado do Tocantins (2010), **Números do cooperativismo tocantinense**. Disponível em: <http://www.ocbto.coop.br/conteudo.php?l=5676e4240437c4b2f0ad3dce7069754a>. Acesso em 13 Out. 2010.
- Pinheiro, Marcos Antonio Henriques (2005), **Cooperativas de crédito: História da evolução normativa no Brasil**. 3. ed., Brasília.
- Port, Marcio (2010). A expressão do cooperativismo de crédito mundial e seus principais modelos. In: **ENCONTRO BRASILEIRO DE PESQUISADORES EM COOPERATIVISMO**, 1, Nova Petrópolis.
- SICOOB CREDIPAR. **Histórico** (2010), Disponível em: <http://www.sicoobcredipar.com.br/?q=node/38>. Acesso em 26 Set. de 2010 a.
- SICOOB CREDIPAR (2010), **Vantagens em se associar**. Disponível em: <http://www.sicoobcredipar.com.br/?q=node/51>. Acesso em 26 Set. de 2010 b.
- SICOOB CRDEDIPAR (2011), **Estatuto Social da Cooperativa de Crédito Rural de Paraíso-TO**. Disponível em: http://www.sicoobcredipar.com.br/userfiles/file/estatuto_social_sicoob_credipar.pdf. Acesso em 25 mai. 2011.

Silva Filho, Cícero Virgulino da (2001), **Cooperativas de Trabalho**, São Paulo: Atlas.

Veiga, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque (2001), **Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação**, Rio de Janeiro: DP&A: fase.